

TECH2TALK: O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ORAIS POR MEIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Ronaldo Corrêa GOMES JUNIOR

Giovana Garcia Gonçalves GUTIERREZ

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo: Um dos maiores desafios que surgem em meio à aprendizagem de inglês é falar o idioma. Pensando nisso, um estudo foi conduzido a partir da criação de um curso de extensão online na plataforma Moodle. O curso teve duração de 6 semanas e foi oferecido no segundo semestre de 2017 a 30 estudantes de diversos cursos da Universidade Federal de Minas Geras. O objetivo da pesquisa foi investigar as *affordances* (GIBSON, 1986) de ferramentas digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em língua inglesa. Para analisar as *affordances*, foi preciso levar em consideração as ações e atividades de professores e alunos, bem como a natureza múltipla em interações linguísticas, enfim, a rede de elementos desse cenário (VAN LIER, 2000, 2002). Dessa maneira, as *affordances* foram percebidas de maneiras diferentes pois cada participante trazia uma realidade consigo. Nesta pesquisa, algumas das *affordances* percebidas pelos estudantes foram: possibilidade de ampliar o vocabulário, de praticar a pronúncia e perder o medo. Vale ressaltar que também houve limitações tais como dificuldades técnicas em relação ao uso de determinadas ferramentas. Se, por um lado, o cronograma foi afetado diante de tais imprevistos, por outro, houve um crescimento de autonomia dos participantes, que criaram maneiras próprias de lidar com situações inesperadas. Dessa forma, foi possível observar como as interações e motivações dos estudantes foram fundamentais na construção de aprendizagem no ambiente virtual.

PALAVRAS-CHAVE: *Affordances*; inglês; habilidades orais; tecnologias digitais.

TECH2TALK: DEVELOPMENT OF ORAL SKILLS THROUGH DIGITAL TECHNOLOGIES

Abstract: One of the main challenges that might emerge from learning English is speaking the language. Given that, this research addresses an online course held on Moodle platform. It was a 6-week course offered in the second semester of 2017 to 30 students from different graduation courses at the Federal University of Minas Gerais. The research aimed to investigate affordances (GIBSON, 1986) present in digital tools to the development of oral English skills. To analyze the affordances, actions and activities from teachers and students were taken into account as well as the multiple nature of linguistic interactions (VAN LIER, 2000, 2002). Thus, the affordances were perceived differently by each participant because of their distinct backgrounds. In this research, some of the affordances remarked by the students were: possibility to increase vocabulary, to practice pronunciation and to lose the fear of speaking English. It is also worth

noting that there were constraints such as technical issues when using certain tools. On the one hand, the schedule of the course was affected due to those matters, but on the other hand, they gave participants a sense of autonomy since they had to deal with those issues. Thus, it was possible to picture how the interactions and motivations of the students proved to be essential in virtual learning construction.

KEYWORDS: *Affordances*; English; oral skills; digital technologies.

TECH2TALK: DESARROLLO DE DESTREZAS ORALES A TRAVÉS DE TECNOLOGÍAS DIGITALES

Resumen: Uno de los desafíos que surgen en el aprendizaje del inglés es hablar el idioma. Pensando en ello, un estudio fue conducido a partir de la creación de un curso de extensión online en la plataforma Moodle. El curso tuvo una duración de 6 semanas y se ofreció en el segundo semestre de 2017 a 30 estudiantes de diversos cursos de la Universidade Federal de Minas Gerais. El objetivo de la investigación fue investigar las *affordances* (GIBSON, 1986) de herramientas digitales para el desarrollo de habilidades orales en lengua inglesa. Para analizar las *affordances*, fue necesario tener en cuenta las acciones y actividades de profesores y alumnos, así como la naturaleza múltiple en interacciones lingüísticas, en fin, la red de elementos de ese escenario (VAN LIER, 2000, 2002). De esa manera, las *affordances* fueron percibidas de maneras diferentes pues cada participante traía una realidad consigo. En esta investigación, algunas de las *affordances* percibidas por los estudiantes fueron: posibilidad de ampliar el vocabulario, de practicar la pronunciación y perder el miedo. Es importante resaltar que también hubo limitaciones tales como dificultades técnicas en relación al uso de determinadas herramientas. Si, por un lado, el cronograma se vio afectado ante tales imprevistos, por otro, hubo un crecimiento de autonomía de los participantes, que crearon maneras propias de tratar situaciones inesperadas. De esta forma, fue posible observar cómo las interacciones y motivaciones de los estudiantes fueron fundamentales en la construcción de aprendizaje en el ambiente virtual.

PALABRAS CLAVE: *Affordances*; inglés; destrezas orales; tecnologías digitales.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem de uma língua estrangeira envolve uma variedade de elementos, tais como: o aprendiz, o professor, o material didático utilizado, os colegas com quem se tem contato, o ambiente em que se está, bem como a interação entre todos esses componentes. Muitas vezes, estuda-se cada um desses componentes separadamente, mas, neste trabalho, o foco está nas interações que ocorrem entre esses elementos. Quando se fala em interação entre diversos elementos de um ambiente, é possível trazer à tona a perspectiva ecológica, abordagem que traz

contribuições para diversas áreas do conhecimento, inclusive a do ensino e aprendizagem de línguas.

Para ilustrar melhor como essas interrelações ocorrem e o que seria a aprendizagem de línguas na perspectiva ecológica, faremos uma revisão dessa abordagem partindo de seus conceitos essenciais, tendo como suporte as ideias de Gibson (1986), Kennewell (2001), Paiva (2011) e van Lier (2000, 2002).

Esta pesquisa buscou investigar as *affordances* de tecnologias digitais, percebidas por estudantes de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês. Para atingir esse objetivo, foram levados em conta os seguintes objetivos específicos:

- Ampliar a oferta de cursos de extensão em língua inglesa por meio da modalidade *online* para a comunidade da UFMG.
- Desenvolver as habilidades orais em inglês de estudantes de graduação da UFMG.
- Estimular a interação, por meio de textos orais e/ou escritos, entre os alunos em língua inglesa;
- Auxiliar os estudantes a refletirem sobre suas produções linguísticas por meio de *feedback* em cada atividade.

Assim, foi desenvolvido um curso *online* na plataforma Moodle com atividades a serem realizadas durante seis semanas para 30 estudantes de diversas áreas do conhecimento da UFMG. Para a análise, as auto-avaliações feitas pelos participantes a cada semana e ao fim do curso foram analisadas como instrumentos para o destaque das *affordances* das tecnologias digitais utilizadas. Com as *affordances* em destaque, as mesmas foram categorizadas de acordo com suas regularidades e, posteriormente, analisadas e interpretadas.

Os dados revelaram que as ferramentas tecnológicas disponibilizadas no curso foram vistas como meios de autocorreção, bem como instrumentos para melhorar a pronúncia, aumentar o vocabulário e praticar o inglês de um modo geral. Além disso, foram levantados dados extralinguísticos com o perfil dos estudantes que fizeram parte do curso. Ao fim da experiência, o aumento da autonomia e da autoconfiança foram apontados como alguns dos

benefícios encontrados pelos participantes na medida em que reconheciam e agiam sobre as *affordances* no ambiente virtual em questão.

1. AFFORDANCES E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Em seu trabalho, Gibson (1986) descreve as relações entre animais e o ambiente como sendo partes do processo de percepção e adaptação do meio. Em um de seus exemplos, o autor menciona as superfícies. Enquanto as terrestres oferecem suporte aos animais bípedes e quadrúpedes, as aquáticas oferecem suporte a animais com uma diferente estrutura física. Nessa interrelação, notamos as diferenças no modo como cada agente se comporta diante de determinadas situações, levando-se em conta o que o ambiente oferece, o que ele pode fazer nesse ambiente e quais são as possibilidades de ação que são vistas por ele.

Partindo dessa perspectiva ecológica, van Lier (2000) faz a correlação da mesma com a aprendizagem de uma nova língua. Esse modo de pensar, em seu ponto de vista, tem um caráter de emergência e não de reducionismo científico. Isto é, ao usar a perspectiva ecológica para compreender o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o objetivo não é isolar e estudar cada ponto de desenvolvimento; ao contrário, a ideia é que as interações entre todos os aspectos envolvendo a aprendizagem sejam entendidas como fruto de certo contexto – e não como verdades universais.

Van Lier (2002) enxerga o sujeito que está aprendendo uma nova língua como alguém que está em um ambiente com significados em potencial que fariam sentido para ele somente no momento em que ocorresse a sua interação com o ambiente. A interação é parte importante da visão ecológica, uma vez que a partir dela cria-se um valor para o produto resultante desse processo. Além disso, o autor aborda uma linguística ecológica que passaria pela semiótica, isto é, a linguagem vista como a soma de vários elementos e modos. O que se diz, a entonação da voz, a linguagem corporal usada, dentre outros aspectos, fazem parte dessa atividade semiótica.

Em se tratando de ensino de línguas, van Lier (2002) vê a abordagem ecológica como um estudo do processo de aprendizagem, das ações e atividades de professores e alunos, da natureza múltipla em interações linguísticas, enfim, da complexa rede de elementos desse cenário. E tudo isso envolve não só o nível social, mas também o físico e o simbólico.

Dentro desse ambiente marcado por interações, há as *affordances*. Cunhado por Gibson (1986), o termo diz respeito àquilo que um ambiente tem a oferecer, seja algo positivo ou negativo. A natureza, por exemplo, tem uma série de *affordances*, como as propiciadas pela água, pela terra, pelas árvores, pelo fogo, etc. É importante ressaltar, contudo, que o que se mostra como *affordance* para um animal, pode não o ser para outro. Por exemplo, se um macaco sobe em uma árvore, ele provavelmente percebeu uma *affordance* para esse fim. O mesmo não aconteceria com um elefante, mas isso não impede que ele veja a sombra da árvore como um bom lugar para descanso, percebendo outra *affordance* em um mesmo objeto.

Em seu trabalho, Gibson (1986) menciona o pensamento de muitos psicólogos que acreditam que os objetos são compostos por suas qualidades. Ao contrário deles, o autor sugere que o que percebemos ao olhar um objeto não são suas qualidades, e sim, suas *affordances*. Isso acontece porque normalmente prestamos atenção naquilo que nos interessa. Um exemplo dado por Paiva (2011) é o de que, ao escutar uma música, uma pessoa que trabalha na área pode ouvi-la do início ao fim prestando atenção somente nos instrumentos musicais, enquanto um estudante de língua estrangeira ouvirá a canção prestando atenção nas palavras e seus significados.

Van Lier (2002) afirma que se o estudante de língua estrangeira for ativo e engajado, ele perceberá as *affordances* linguísticas ao seu redor e as usará para fins de aprendizagem. Lembrando que essas *affordances* podem ser tanto oportunidades como limitações, convites e rejeições, dependendo de como o aluno encara os mesmos. Uma analogia feita pelo autor é a de que os animais não possuem a floresta, eles sabem como viver nela e aproveitar o que ela oferece. O mesmo acontece com um novo idioma: nós não o possuímos, mas aprendemos a como usá-lo e a como viver nele.

Paiva (2011) acrescenta a essa discussão o fato de que os recursos disponíveis em sala de aula são insuficientes para a aprendizagem de uma nova língua. A autora acredita ser dever dos estudantes a busca por *affordances* fora do ambiente escolar, a fim de complementar o que é aprendido durante as aulas. Para isso, o professor também exerce um papel fundamental: o de instigar os alunos nessa procura por *affordances*.

Dentro da sala de aula, o professor exerce a importante função de orientar os alunos no processo de aprendizagem de uma nova língua. Para isso, cada um faz uso de diferentes

pedagogias. Kennewell (2001) explica que qualquer fator influencia no sucesso de uma aula, seja por parte do professor, dos alunos, da sala de aula, da organização, das regras da escola ou da cultura do lugar.

Em seu trabalho, o autor propõe o uso de tecnologias de informação e comunicação em sala de aula para entender o seu impacto no ensino e aprendizagem. Assim, se o professor não tem domínio do *software* a ser utilizado, isso acaba sendo uma variável negativa, assim como no caso de alunos que não saibam fazer uso do computador. Kennewell (2001) classifica as *affordances* como atributos de certo ambiente que fornecem potencial para que ações ocorram dentro do mesmo.

Sanders (1997) faz um panorama das teorias envolvendo a perspectiva ecológica e percepção visual. Em seu trabalho, o autor usa o conceito de ontologia, o estudo do ser, do que existe e do que são os existentes. Dentre as coisas que existem, estão as *affordances*, que envolvem as oportunidades e perigos existentes para os seres. Porém, nem todos os seres as percebem, e aí surge a ontologia das *affordances*, que as coloca como reais apenas para quem/o que as percebe. Se um sujeito percebe uma *affordance*, então para ele isso é real, enquanto para outro que não teve a mesma percepção, essa *affordance* inexistente.

A respeito do desenvolvimento de habilidades orais em inglês, Bremont, Ortiz e Rodríguez (2013) conduziram uma pesquisa no México no Centro de Capacitação para o Trabalho Industrial (Cecati). Os trabalhadores fizeram um curso online para a aprendizagem de inglês através da plataforma interativa *Tell Me More*. Ao final do curso, entrevistas foram realizadas para se observar os avanços nas habilidades orais dos participantes. Os resultados mostraram que não houve o progresso esperado em razão da falta de autodisciplina, apoio e acompanhamento ao longo do processo. Dessa forma, entende-se que é necessário haver um compromisso por parte da instituição para prover tutores e espaços de aprendizagem significativos.

Kim (2014) realizou uma pesquisa com estudantes universitários na Califórnia. Foram dadas quatro avaliações para checar o desenvolvimento de habilidades orais através da narração de histórias feita pelos alunos sobre vídeos de filmes mudos. Outras três atividades foram propostas para que eles fizessem uma autoavaliação desse modo autônomo de aprendizagem. Os resultados mostraram que essa prática fez com que os estudantes conseguissem desenvolver

suas habilidades orais, além de dar a eles maior autoconfiança. O *feedback* dado pelo instrutor teve papel fundamental para esse progresso.

Sales (2016) analisou e comparou o desenvolvimento oral de alunos presenciais e a distância considerando as produções em nível de correção, complexidade e fluência. Os alunos cursavam Letras na Universidade Federal do Ceará. A partir dos resultados, o autor concluiu que, de modo geral, a aprendizagem de língua estrangeira a distância pode demonstrar desenvolvimento oral equivalente ao presencial. O autor acredita que a proposta de atividade *online* necessitaria de maior investimento pedagógico em sua contextualização, a fim de possibilitar maior engajamento do aprendiz nas ações previstas em suas orientações. Além disso, muitas vezes o material usado na modalidade EaD se assemelha a apostilas que têm limitações comunicativas, sendo importante explorar mais esse aspecto.

Andújar-Vaca e Cruz-Martínez (2017) analisaram os efeitos do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* nas habilidades comunicativas em inglês de alunos da Espanha. Após separarem os estudantes em dois grupos, um participou das atividades pelo aplicativo e o outro não, pois seria o grupo controle. Os resultados apontaram um desenvolvimento maior nas habilidades do grupo que estava no *WhatsApp* do que o grupo controle. Os autores viram o uso da tecnologia móvel como positivo para a autonomia e motivação dos participantes.

No estudo conduzido por Gomes Junior *et al.* (2018), os autores analisaram as *affordances* para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês ao longo de um curso *online* para estudantes de Letras da UFMG. Por meio de instrumentos como diários, narrativas de aprendizagem e autoavaliações, foi possível fazer uma análise das percepções dos participantes sobre o desempenho oral em língua inglesa. Segundo os autores, ao final do curso, os estudantes se sentiram mais confiantes, motivados e seguros em relação à compreensão e produção oral em inglês, já que puderam planejar a compreensão e produção oral, registrar, identificar dificuldades e erros e praticar em diversos lugares.

2. METODOLOGIA

A análise de dados possui caráter qualitativo e interpretativista, uma vez que se baseia em nossa interpretação das reflexões produzidas pelos participantes do curso. A respeito disso, Holliday (2002) afirma que as pesquisas de natureza qualitativa são abertas e, ao contrário de

investigações quantitativas, analisam cenários sociais específicos. Denzin e Lincoln (2006) acrescentam que a investigação qualitativa consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que transformam o mundo por meio da análise de representações. Tais representações podem incluir anotações de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações, etc. Dessa maneira, corroborando com os pensamentos dos autores, esta pesquisa fez uso de um questionário e de auto-avaliações; maneiras de representar um cenário social específico que será exposto a seguir.

A fim de analisar as *affordances* das tecnologias digitais para desenvolvimento de habilidades orais em inglês, um curso *online* foi criado na plataforma *Moodle* e oferecido pelo Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG (CENEX/FALE). O conteúdo do curso foi organizado para ser desenvolvido ao longo de 6 semanas. Os participantes foram convidados a praticar algumas funções orais da linguagem em inglês com apoio e auxílio de diferentes ferramentas digitais.

As tarefas¹ estimularam os estudantes a apresentar-se, descrever lugares e rotinas pessoais e falar sobre o passado e planos futuros na língua inglesa utilizando diversas ferramentas digitais gratuitas como *Voki*², *Vocaroo*³, *Fotobabble*⁴, *PodBean*⁵, *UTellStory*⁶. Pontuamos que, ao longo do curso, nem todos os estudantes seguiram as instruções dadas, como no caso do uso da ferramenta de podcast. Muitos decidiram gravar o áudio no próprio aparelho celular em vez de gravar na ferramenta sugerida, indicando a percepção de *affordances* para tal ação em outras tecnologias e dispositivos digitais.

O curso Tech2Talk teve início no dia 2 de outubro de 2017 e fim no dia 12 de novembro do mesmo ano. As atividades foram elaboradas em parceria por dois professores da instituição: o primeiro autor deste artigo e a professora Vera Menezes de Oliveira e Paiva. Em um primeiro momento, um curso semelhante foi oferecido aos estudantes da graduação em Letras (PAIVA,

1 As atividades utilizadas nesse curso podem ser visualizadas no site: <http://www.lettras.ufmg.br/techtotalk/>. Para saber mais sobre o design pedagógico dos cursos, ler Paiva (2018) e Gomes Junior *et al.* (2018).

2 <https://www.voki.com/>

3 <https://vocaroo.com/>

4 <http://www.fotobabble.com/>

5 <https://www.podbean.com/>

6 <https://www.utellstory.com/>

2018). Posteriormente, uma outra versão com alterações no *design* pedagógico foi oferecida a toda a comunidade universitária. As unidades dessa versão encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 1: Unidades do curso

Unidades	Pontos	Carga horária
Introducing yourselves	18	4h
Talking about cities	18	4h
What's your routine?	18	4h
Talking about the past	18	4h
Future plans	18	4h
Self Evaluation	10	4h
TOTAL	100	24h

Fonte: Elaborado pelos autores

Para a geração de dados, foram utilizados o questionário de inscrição, as auto-avaliações semanais e uma avaliação final do curso feita pelos participantes. O questionário de inscrição foi criado na ferramenta *Google Forms*, a fim de selecionar estudantes de graduação da UFMG com nível básico de inglês que fossem de diversas áreas do conhecimento. Nesse questionário levantamos informações pessoais dos participantes, como: nome, endereço eletrônico, curso de graduação, idade, lugares onde estudou inglês, o interesse para aprender a língua, o nível de proficiência que eles acreditavam ter, as principais dificuldades, as experiências anteriores e as expectativas para a aprendizagem em um curso *online*. Houve um total de 94 inscritos. Desses, foram selecionados os 30 primeiros, cujas informações serão analisadas posteriormente.

Já nas auto-avaliações semanais e na avaliação final, os estudantes tiveram a oportunidade de analisar o próprio desempenho e refletir sobre suas dificuldades e obstáculos. Essas atividades tiveram um papel importante no curso, pois funcionavam tanto como um instrumento de avaliação, revelando as dificuldades e pontos que precisavam ser melhor trabalhados pelos aprendizes; como uma maneira de estimular a reflexão dos participantes, evidenciando as *affordances* percebidas por eles para o desenvolvimento de suas habilidades orais. Salientamos que, neste artigo, os nomes verdadeiros dos estudantes foram substituídos por pseudônimos.

A fim de categorizar as *affordances*, buscamos, inicialmente, localizar as unidades significativas (HOLLIDAY, 2002), ou seja, enunciados que revelassem a percepção de *affordances* no discurso dos participantes. Por meio de regularidades presentes nesses enunciados, foi possível agrupá-los e, assim, identificar quais foram as principais *affordances* percebidas pelos estudantes para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos as análises dos dados gerados. Primeiramente, apresentamos o perfil dos participantes do curso, para que se possa ter melhor entendimento sobre quem são os agentes inseridos no ambiente virtual em questão. Em seguida, analisamos as auto-avaliações desses agentes, lançando luz em suas percepções e expondo as *affordances* percebidas por eles nas tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês.

3.1 OS AGENTES

Gráfico 1: Idade dos 30 participantes do curso



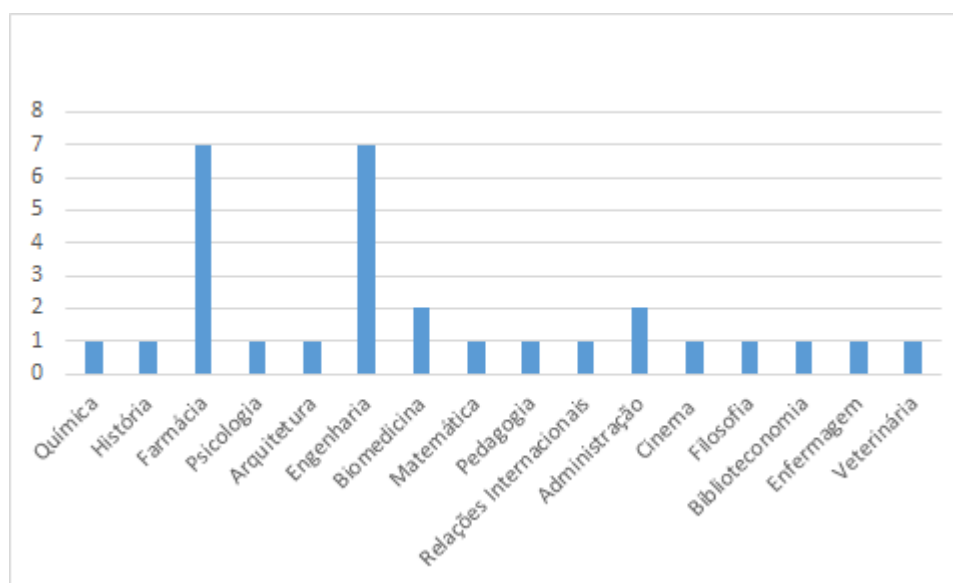
Fonte: Elaborado pelos autores

Algumas características importantes a serem consideradas na análise dos dados dizem respeito aos fatores extralinguísticos. A faixa etária, por exemplo, pode ser demonstrada pelo gráfico anterior.

No gráfico 1, é possível depreender que a faixa etária dos participantes está majoritariamente concentrada entre 18 e 25 anos, apesar de haver cinco participantes acima de 25 anos. A partir de dados como esse, podemos perceber que o grupo era principalmente composto por jovens da chamada geração Y - também conhecida como geração dos *millennials*, o que poderia indicar que a maioria já estaria habituada a lidar com tecnologias digitais em seus cotidianos. É importante destacar que tal constatação não nos leva a concluir que esses participantes estariam habituados a utilizar as tecnologias digitais para aprender.

A respeito das áreas dos cursos de graduação dos participantes, o gráfico a seguir ilustra a maior quantidade de estudantes provenientes dos cursos de Engenharia (7) e Farmácia (7). Depois desses, os cursos com maior número de participantes foram os de Biomedicina (2) e Administração (2). Houve também um estudante para cada curso como Química, História, Psicologia, Arquitetura, Matemática, Pedagogia, Relações Internacionais, Cinema, Filosofia, Biblioteconomia, Enfermagem e Medicina Veterinária.

Gráfico 2 – Cursos dos participantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Por meio desse mapeamento, podemos visualizar que a aprendizagem de inglês na modalidade *online* instigou o interesse de estudantes de diversas áreas do conhecimento, o que sinaliza que a língua tem se tornado uma necessidade para muitos deles.

A motivação é um fator extremamente importante em uma sala de aula, seja ela presencial ou virtual. Pelo fato do curso *online* ter selecionado estudantes de outras áreas do conhecimento que não fosse a de Linguagens, sabíamos que o público traria uma diversidade para as aulas e atividades. Isso gerou nosso interesse quanto às motivações de cada um, uma vez que eles não têm a linguagem necessariamente como objeto de estudo. Entre as motivações expostas pelos alunos, como mostra o gráfico 3, as mais frequentes foram o aprimoramento do idioma (13); seguida pela inserção no mercado de trabalho (5); a flexibilidade de horários (4), pelo fato de o curso ser na modalidade a distância; e a aquisição de novos conhecimentos (3). Outras motivações não tão frequentes foram, o desenvolvimento acadêmico (2), a perda da timidez (2), a gratuidade do curso (1) e a aquisição de conhecimento (1).

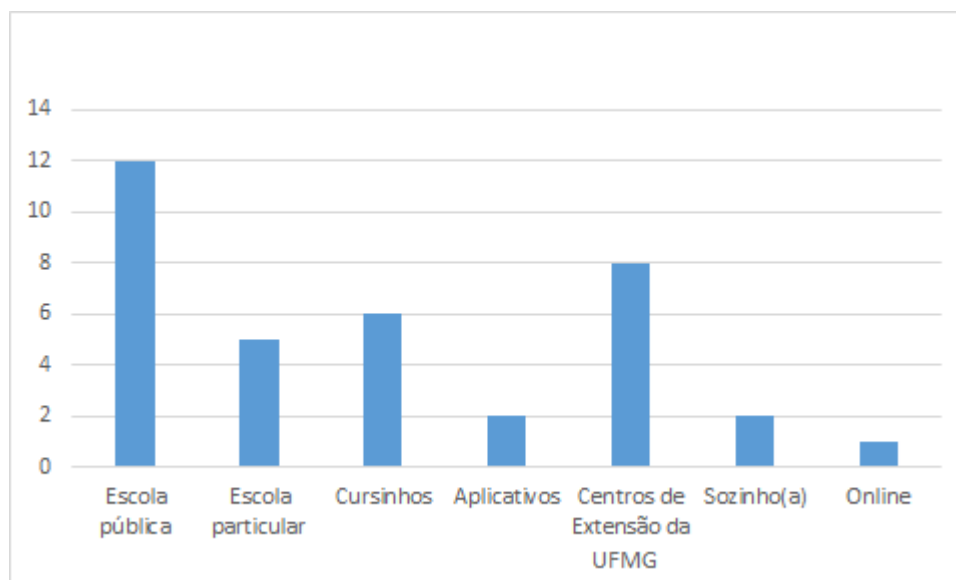
Gráfico 3: Motivações dos estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Outro fator que nos auxilia a compreender o perfil dos participantes é o lugar em que cada um estudou inglês. Alguns selecionaram mais de uma resposta, ou seja, um estudante pode ter tido a experiência com a língua inglesa em uma escola particular e em um curso livre, concomitantemente. As experiências de aprendizagem podem ser distintas em diferentes lugares que oferecem o ensino de inglês e isso pode influenciar a percepção que cada estudante tem acerca do idioma. O gráfico a seguir apresenta os diferentes espaços de aprendizagem mencionados pelos participantes.

Gráfico 4: Diferentes espaços de aprendizagem dos participantes



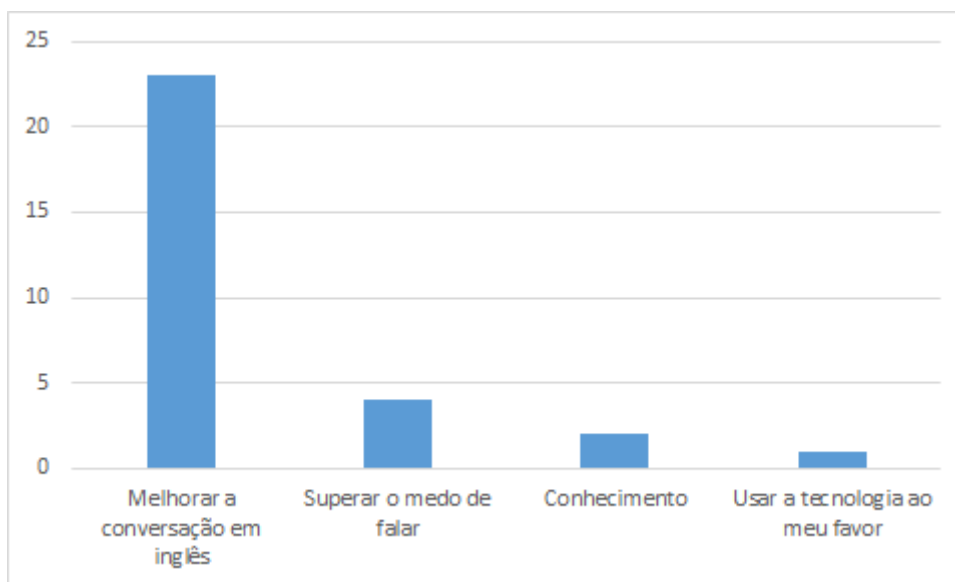
Fonte:

Elaborado pelos autores

No gráfico 4, vemos que a maioria dos participantes (12) teve experiência com inglês em escolas públicas, seguidos daqueles que tiveram a oportunidade de estudar inglês em cursos de extensão da universidade (8). Em terceiro lugar, 6 pessoas afirmaram ter estudado em cursos livres. Apenas 5 participantes estudaram inglês em escolas particulares. Dois deles afirmam terem aprendido com aplicativos e outros dois aprenderam sozinhos. Somente uma pessoa afirmou ter estudado inglês online.

Em relação às expectativas dos participantes ao iniciarem o curso em questão, a maior parte dos aprendizes revelou ter a vontade de melhorar a conversação em inglês (23). Outros destacaram a vontade de superar o medo de falar o idioma (4) enquanto a minoria teve a expectativa de aumentar o conhecimento (2) e usar melhor a tecnologia (1). Isso vai ao encontro do que foi encontrado por Aragão, Paiva e Gomes Junior (2017) e Gomes Junior *et al.* (2018), que observaram que, por mais que a prática das habilidades orais seja considerada difícil, o desejo de falar a língua é algo marcante nas narrativas de aprendizes de inglês.

Gráfico 5: Expectativa em relação ao curso



Fonte: Elaborado pelos autores

Resumindo os dados apresentados, percebemos que o ambiente virtual em questão era composto predominantemente por agentes da geração Y de diversas áreas do conhecimento. A principal motivação relatada foi a de aprimorar os conhecimentos da língua inglesa. Ressaltamos que muitos dos participantes eram oriundos de escolas públicas e relatavam ter dificuldade razoável no inglês. Grande parte classificou a própria desenvoltura para se expor em público como mediana e esperava que, com o curso oferecido pelo CENEX/FALE, houvesse uma melhora no que diz respeito à conversação em inglês.

Um ponto a ser discutido refere-se à diminuição de alunos que participavam a cada semana. Logo na primeira semana de atividades, apenas 14 dos 30 alunos inscritos participou. Ou seja, muitos se inscreveram sem o real propósito de se comprometer durante as seis semanas. Ao final, apenas 11 estudantes terminaram o curso.

3.2 AS AFFORDANCES PERCEBIDAS

A partir das autoavaliações semanais foi possível categorizar as *affordances* percebidas pelos participantes, que foram: planejar a produção oral, melhorar a pronúncia, identificar os próprios erros, perder o medo, melhorar o vocabulário e aprender com o *feedback*. Ressaltamos o fato de que as *affordances* encontradas nas auto-avaliações parecem estar mescladas e

interrelacionadas. No entanto, para fins de exposição, as apresentamos a seguir em tópicos separados.

A) Planejar a produção oral

Alguns dos participantes da pesquisa afirmaram ter se preparado de alguma forma antes dos exercícios, sendo essa uma das *affordances* propiciadas pelo uso de tecnologias digitais nas atividades. Os excertos a seguir exemplificam mais essa *affordance*.

Para fazer os exercícios tive que ler muitos textos em inglês o que contribuiu para o aumento do meu vocabulário, específico para a descrição de cidades, além de outras coisas. Pude também treinar meu ouvido, ao assistir os vídeos de vocabulário e de orientação para a produção do fotobabble. (Marcos)

A atividade 4 me "forçou" a desenvolver mais meu inglês. Precisei buscar novas palavras para melhorar minha fala e com as dicas postadas, é possível desenvolver mais e melhor a cada semana. (Sheila)

A fala de Marcos revela não apenas uma melhora no vocabulário ao se preparar previamente para realizar as atividades. Para o participante, foi possível também explorar as novas palavras aprendidas por meio da prática em compreensão oral. É possível perceber que na Internet, a dinamicidade e multimodalidade dos gêneros digitais são consideradas positivas para a aprendizagem da língua, uma vez que permitem o desenvolvimento das habilidades do inglês de maneira integrada.

A participante Sheila também demonstrou sentir a necessidade de buscar novas maneiras de ampliar o seu vocabulário para realizar as atividades. Além disso, ela menciona outra *affordance*, que se refere ao *feedback* semanal postado pelos tutores do curso. O fato de os tutores postarem os equívocos gramaticais, de vocabulário, pronúncia e entonação cometidos pelos estudantes (de maneira anônima) juntamente com a forma correta foi uma maneira dos participantes reverem suas próprias produções orais e buscarem melhorar nas produções seguintes, como será melhor ilustrado posteriormente.

B) Melhorar a pronúncia

As atividades do curso proporcionaram aos estudantes a possibilidade de melhorar a pronúncia, visto que, em todas elas, cada participante deveria fazer gravações de áudio. Os trechos a seguir, retirados das auto-avaliações, ilustram a percepção dessa *affordance*:

Para contar minha história mais naturalmente treinei minha pronúncia mais vezes e pude aprender novas palavras. (Lucas)

As atividades me ajudaram com as palavras e expressões que eu não conhecia, além da pronúncia correta. As tecnologias utilizadas desenvolvem as habilidades orais através da prática dos áudios. (Joana)

A prática de gravação de áudios no Vocaroo ajudou bastante na minha pronúncia. As tecnologias ajudam bastante pois incentivam a fala da língua inglesa. (Geisy)

A atividade da primeira semana me ajudou a colocar em prática a pronúncia já que normalmente eu não teria ninguém para conversar em inglês. (Kátia)

O participante Lucas destaca sua preocupação em falar mais “naturalmente”, sinalizando o seu desejo de ter uma fala menos artificial e mais espontânea. Consequentemente, além de aprender a pronúncia, ele demonstra ter percebido também a ampliação de seu vocabulário. O mesmo ocorreu com Joana, que afirma ter percebido, com a prática de planejar/gravar áudios, aprender novas palavras e expressões em inglês, além de praticar a pronúncia. Ela destacou o uso de áudios como uma ferramenta de auxílio nesse processo.

A estudante Geisy salienta a importância da prática da gravação como uma atividade que melhorou a sua pronúncia. De fato, a repetição parece proporcionar aos estudantes a possibilidade de desenvolver a fala. Por fim, Kátia reiterou o pensamento de seus colegas em relação a pronúncia e ainda apontou para um fato muito comum em países onde o inglês não é a língua oficial: a dificuldade em se praticar o idioma. Isso demonstra como as tecnologias digitais parecem desempenhar papel crucial para aqueles que não têm com quem praticar. As reflexões dos aprendizes nos mostram que eles perceberam que por meio de cursos, fóruns, *chats*, dentre outros, é possível ter a oportunidade de aprender, praticar e melhorar o conhecimento em outra língua.

C) Identificar os próprios erros

Muitos participantes destacaram a gravação como uma maneira de se ouvir e identificar falhas na própria produção oral, como podemos observar nos excertos a seguir.

A utilização de tecnologias digitais ajuda no momento de identificar os erros, pois podemos gravar e escutar como está nossa pronúncia, tentando melhorar e regravar até que chegue no "ideal". (Marcela)

Acredito que gravar e ouvir a si mesmo falando é uma boa forma de consertar pequenos erros e aprender melhor os sons das palavras. Além disso, as tecnologias possibilitam participar a distância. (Flávia)

A atividade da semana 2 me ajudou muito pois tenho sérios problemas em me expressar em inglês. Assim realizando gravações de áudio pude me expressar melhor, ouvindo minhas gravações escutar o que estava falando errado e treinando com as várias gravações feitas pude ir tentando melhorar minha continuidade nas frases. Assim achei uma ótima ferramenta o Vocaroo pois realizando várias gravações pude praticar mais minha fala. (Ricardo)

A participante Marcela afirmou ter usado as gravações como um modo de corrigir a sua pronúncia. É importante ressaltar como ela destaca a pronúncia "ideal" que normalmente é almejada pela maioria dos estudantes. Contudo, por colocar a palavra entre aspas, a participante demonstra compreender que não existiria uma pronúncia perfeita do inglês, o que se poderia fazer é usar as gravações a fim de sempre buscar melhorias.

Flávia, por outro lado, menciona a possibilidade de detectar pequenos erros, além de poder entender mais sobre a pronúncia da língua. Afinal, o ato de se ouvir permite ao usuário não somente a identificação de questões relativas à gramática, mas também à pronúncia, à entonação, ao ritmo, à prosódia e ao sentido do que está sendo falado.

O participante Ricardo, em uma narrativa bastante reflexiva, mencionou sua dificuldade em se expressar em inglês. Ele avaliou o ato de se gravar reforçando como foi importante aprender a conectar as frases e não apenas falar "pedaços" isolados. Assim, as atividades de gravação mostraram ter fornecido as *affordances* necessárias para uma autoanálise dos participantes em relação às próprias produções.

D) Perder o medo

A prática oral da língua inglesa é marcada pela insegurança para muitos aprendizes (ARAGÃO, 2017; PAIVA; GOMES JUNIOR, 2017; GOMES JUNIOR *et al.*, 2018; PAIVA, 2018). Com a experiência nesse curso *online*, alguns dos participantes demonstraram ter superado esse medo como é possível ler nos excertos a seguir.

Eu tenho muita dificuldade na prática oral, pois tenho medo de ser julgado pelos erros! Mas achei tão divertido fazer o avatar, que acabou saindo mais natural do que eu imaginava. :D (Maurício)

Descobri que tenho um pouco de insegurança ao falar o inglês em voz alta, mas consegui superar isso até o fim do curso! (Paula)

As atividades sempre ajudam porque sou forçada a sair da minha zona de conforto e falar em inglês. (Leila)

Em sua reflexão, o participante Maurício destaca a dificuldade que tem em falar inglês, que parece estar relacionada ao medo de ser julgado pelos seus erros. Paula narra ter descoberto que se sente insegura ao falar inglês em voz alta, e felizmente ela afirma ter convertido esse medo em coragem ao longo do curso. Leila, por fim, destaca as atividades pedidas no curso como formas que teve de sair da zona de conforto e encarar o desafio de se expressar em inglês.

Observamos que, com as tecnologias digitais, é possível criar atividades dinâmicas que envolvam os aprendizes de uma forma que eles não se sintam pressionados em “fazer o certo”, mas sim em fazer o melhor que podem. A atividade de introdução do curso, por exemplo, envolvia a criação de um avatar se apresentando oralmente para os colegas. Uma vez que podem exercer sua criatividade ao criar o avatar, preocupando-se menos com os julgamentos que teriam em uma conversa face a face, os estudantes parecem se concentrar mais na produção oral, superando, assim, o medo de falar a língua.

Essa *affordance* corrobora com os resultados de Aragão (2017), Paiva, Aragão e Gomes Junior (2017), Gomes Junior *et al.* (2018) e Paiva (2018), que concluíram que o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais parece reduzir emoções negativas como medo, ansiedade e desconforto.

E) Melhorar o vocabulário

Da mesma maneira que a aprendizagem de novas palavras foi utilizada no planejamento de atividades por alguns estudantes, ela também demonstra ter sido um processo construído por eles ao longo do curso. Para ilustrar isso, apresentamos os seguintes excertos.

As ferramentas contribuíram principalmente no aprendizado de palavras novas e da pronúncia. (Luana)

Consegui aprender novas palavras e desenvolver mais minha oralidade. (Carlos)

Adquiro palavras novas, que busquei para poder me expressar melhor nos exercícios. (Enzo)

Os três participantes mencionaram a aquisição de vocabulário como pontos positivos resultantes das atividades feitas com o uso de ferramentas digitais. É importante ressaltar que o aumento do vocabulário foi um dos fatores que parecem ter proporcionado uma melhor desenvoltura ao falar inglês de acordo com esses participantes. Os enunciados demonstram indicar que os estudantes fizeram uma integração entre o uso das tecnologias digitais com o aumento do vocabulário e o consequente desenvolvimento de suas habilidades orais. Logo, o aumento de vocabulário não deve ser visto como uma *affordance* isolada, e sim, como parte integrante de um processo complexo que culminou na percepção da evolução do desempenho oral dos participantes.

F) Aprender com os *feedbacks*

Em um curso realizado em uma plataforma *online*, há a necessidade de uma organização por parte dos professores/tutores/monitores. Além do planejamento, eles participam como guias dos estudantes na compreensão das aulas e atividades, bem como no fornecimento de *feedback*. O grupo de participantes em questão demonstrou ter percebido oportunidades de aprendizagem no *feedback* dado durante a experiência, como ilustram os excertos a seguir.

Com o feedback semanal foi possível ver qual o erro cometido e aprender com o erro dos colegas para que na atividade seguinte, ele fosse corrigido. (Nicole)

O simples fato de ter que falar em inglês frequentemente já fez com que eu "desenferrujasse" e os feedbacks com os quadros ensinando a pronúncia das palavras por escrito também ajudou bastante. O fato dos feedbacks serem gerais também foram bons porque você aprendia outras palavras além das usadas por você. (Pedro)

A participante Nicole demonstra ter visto o *feedback* como uma maneira de se conscientizar dos próprios erros e também de aprender com os erros dos outros. Em consonância, Pedro também afirma ter aprendido com o *feedback* dado aos colegas e ainda chamou a atenção para o fato de ter se desenferrujado, ou seja, passado a praticar mais a língua. Entende-se, dessa forma, que as oportunidades que os aprendizes percebem nas tecnologias digitais mostram-se efetivas e úteis para aqueles que precisariam desenvolver as habilidades orais em língua inglesa. Feito de maneira que se adeque ao público-alvo, um curso online possui a função de instigar e permitir que o estudante se aprimore cada vez mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise do conceito de *affordance*, é possível constatar a importância da percepção dos estudantes ao aprender uma língua estrangeira. Uma vez que compreendemos como as *affordances* desempenham um papel no desenvolvimento de uma língua, a tarefa do professor torna-se mais dinâmica, especialmente em um ambiente virtual. Com esta pesquisa, podemos concluir que o ambiente exerce uma poderosa influência no processo de aprendizagem, assim como o conhecimento prévio dos aprendizes. Nesse sentido, o modo como o professor conduz as aulas faz diferença nesse cenário. Não podemos dizer, entretanto, que há um modo único de aprender, mas que o professor deve adaptar sua maneira de ensinar de modo a aguçar a reflexão e percepção dos aprendizes.

Nessa experiência, foi possível observar a autonomia dos estudantes ao longo do curso. Houve casos de participantes terem dificuldades em usar determinada tecnologia, mas realizaram a atividade usando outro tipo de ferramenta, dando fluidez ao andamento das atividades. Como os estudantes fizeram um curso *online*, foi necessário buscar a adaptação do ambiente em conjunto com os demais participantes. Dessa forma, percebemos que os participantes aprenderam à sua própria maneira, o que indica a experiência parece ter estimulado a autonomia desses estudantes.

Ademais, os resultados se assemelham aqueles encontrados nos estudos anteriormente citados, uma vez que os pesquisadores constataram uma percepção positiva, autônoma e construtivista dos aprendizes diante do desenvolvimento de habilidades por meio de tecnologias digitais. Destacamos também o papel da motivação dos estudantes na construção do próprio processo de aprendizagem no ambiente virtual. A partir dessas interações, entendemos que o uso de tecnologias digitais dinamizou as atividades e criou novas possibilidades para as aulas, o que propiciou envolvimento e interesse dos participantes.

Por fim, o discurso dos estudantes revela que eles foram capazes de observar melhoras não apenas de aspectos linguísticos relacionados às habilidades orais, mas também de aspectos sociais e emocionais, haja vista que fica clara a percepção de que o trabalho cooperativo e colaborativo, bem como a redução de emoções negativas, parecem ser elementos importantes propiciados pelas tecnologias digitais no desenvolvimento de habilidades orais em inglês.

Agradecimentos:

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. C. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 83-112, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v17n1/1984-6398-rbla-17-01-00083.pdf>> Acesso em 25 fev. 2019.

ANDÚJAR-VACA, A., CRUZ-MARTÍNEZ, M. Mensajería instantánea móvil: Whatsapp y su potencial para desarrollar las destrezas orales. *Comunicar*, nº 50, v. XXV, 2017, *Revista Científica de Educomunicación*. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/30597/2/c5004es.pdf>> Acesso em 24 de Maio, 2019.

ARAGÃO, R. C; PAIVA, V. L. M. O; GOMES JUNIOR, R. C. Emoções no desenvolvimento de habilidades orais com tecnologias digitais. *Calidoscópio*, São Leopoldo, 2017.

BREMONT, B; ORTIZ, J; RODRÍGUEZ, A. *Desarrollo de la competencia comunicativa en el idioma inglés en una plataforma interactiva*. Sinéctica - Revista Electrónica de Educación, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/sine/n41/n41a14.pdf>> Acesso em 16 fev. 2019.



DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-47.

GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1986.

GOMES JUNIOR, R. C; PAULINO, C; SILVA, M. e TEIXEIRA, G. *Affordances de tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês*. RBLA, Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 57-78, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v18n1/1984-6398-rbla-1984-6398201812398.pdf> Acesso em 16 de Fevereiro, 2019.

HOLLIDAY, A. *Doing and writing qualitative research*. London: Sage, 2002.

KENNEWELL, S. Using Affordances and Constraints to Evaluate the Use of Information and Communications Technology in Teaching and Learning. In: *Journal of Information Technology for Teacher Education*, Vol. 10, Nos 1&2: University of Wales Swansea, United Kingdom, 2001.

KIM, S. Developing Autonomous Learning for Oral Proficiency Using Digital Storytelling. *Language Learning & Technology*, v. 18, n. 2, p.20-35, 2014.

VAN LIER, L. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: KRAMSCH, C. (Org.) *Language acquisition and language socialization: Ecological Perspectives*, London: Continuum, 2002, p. 140-164.

VAN LIER, L. From input to affordance: social-interactive learning from an ecological perspective. In: LANTOLF, J. P. *Sociocultural theory and second language learning*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 155-177.

PAIVA, V. L. M. O. Tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês. DELTA. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 34, p. 1319-1351, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v34n4/1678-460X-delta-34-04-1319.pdf> Acesso em 25 de Maio, 2019..

PAIVA, V. L. M. O.; GOMES JÚNIOR, R. C. Digital Tools for oral skills development in English. In: *CALL in context*. Proceedings, CALL 2017. Anais. Berkeley, California. p. 567-574, 2017.

PAIVA, V. L. M. O. Affordances for language learning beyond the classroom. In: Phil Benson and Hayo Reinders. (Org.). *Beyond the language classroom*. 1ed. London: Palgrave Macmillan, 2011, v. , p. 59-71.

SALES, J. Estudo comparativo do desenvolvimento da oralidade em língua inglesa nas modalidades presencial e a distância. *EmRede - Revista de Educação a Distância*, 2016, v.3, n.1. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/viewFile/88/99> Acesso em 16 fev. 2019.



SANDERS, J. T. An ontology of affordances. *Ecological Psychology*, v. 9, n. 1, p. 97-112, 1997.

Ronaldo Corrêa GOMES JUNIOR

Professor Adjunto de Língua Inglesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Giovana Garcia Gonçalves GUTIERREZ

Mestranda em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido em 26 fevereiro 2019 - Aceito em 23 agosto 2019